

RESENHA

MATUS, Claudia. (2016) *Imagining Time and Space in Universities: bodies in motion*. Reino Unido: Palgrave MacMillan, 206 páginas.

CÉSAR AUGUSTO FERRARI MARTINEZ

Claudia Matus é Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade Católica do Chile, em Santiago do Chile. PhD (University of Illinois at Urbana-Champaign) em Educação, suas linhas de pesquisa são relacionadas à produção de diferença em contextos educativos. Nessa obra específica, relaciona pesquisas desenvolvidas no Chile e nos Estados Unidos sobre discursos presentes nas tramas da internacionalização da educação superior, sobretudo à produção da ideia de “estranho”.

Matus propõe aprofundar os conceitos de espaço e tempo para compreender como o poder circula e se reproduz nos discursos de internacionalização, sobretudo no processo de mobilidade acadêmica internacional. Para isso, utiliza análise qualitativa de entrevistas com estudantes e acadêmicos que tiveram a experiência de mobilidade, além de buscar como fonte também nos materiais institucionais das universidades. As ideias fundantes na obra da autora advêm de um olhar pós-moderno sobre o fenômeno, com grande contribuição de filósofas e geógrafas feministas, dentre as quais se registra Dorren Massey e Elizabeth Grosz.

O livro está organizado em sete capítulos¹: 1) Giros Metodológicos e Ferramentas Teóricas; 2) Os usos da saudade²: re-criando espaços e tempos; 3) Corpos em movimento: como fazemos espaço e tempo; 4) O corpo estranho; 5) Paisagens Corporais: desejando espaço ao contrário; 6) Mulheres e viagens: imaginários temporais do devir; 7) Mulheres e as políticas do escrever; além de um capítulo final denominado “Dissolvendo”.

¹ Em tradução própria do inglês

² A autora emprega o termo “nostalgia”, mas refere-se ao sentimento que remete saudosamente ao passado vivido. Ainda que não haja tradução direta da palavra ao inglês, saudade me parece um termo apropriado para designar a sensação.

Nesse primeiro capítulo, Matus chama atenção ao uso estático de espaço e tempo quando há referência aos sujeitos internacionais. Usa o argumento de que, ao imaginar espaço como um receptáculo vazio, supomos que os sujeitos que o habitam estão fadados às inscrições que aquele espaço submete. Ou seja, esses sujeitos levam consigo a ordem estabelecida pelos discursos acerca dos seus espaços “de origem”. Isso, combinado com uma noção linear de tempo, os faz ser recebidos na universidade de destino como quem chega do passado, passando a ser vistos como frágeis, deficitários e até mesmo exóticos. Nesse contexto, os discursos de espaço e tempo atuam regulando os sujeitos.

Em um segundo capítulo, o uso da saudade ilustra como as narrativas de espaço e tempo traduzem noções fixas de nação, cultura e região. Nas pesquisas, a autora pode notar que a saudade exerce um papel importante na produção discursiva, pois parte do pressuposto de estabilidade entre identidade e território. Matus denuncia a pré-noção de que as entidades existem em suas plenitudes antes de interatuar, propondo seu entendimento através da concepção do devir e do movimento como constituinte das identidades espaciais.

A experiência é aprofundada no terceiro capítulo, onde a noção de *embodiment*³ produz significados. Não há experiência por si só que não aquela produzida pela configuração histórica dos discursos sobre raça, gênero, nacionalidade e outras categorias. Esse processo é ilustrado no livro através de entrevistas com estudantes de quatro países enquanto os mesmos finalizavam seus estudos doutorais nos Estados Unidos.

No quarto capítulo, a discussão sobre a produção do estrangeiro é abordada por Matus desde sua posição como pesquisadora nos Estados Unidos pós 11/09/2001. Aqui, é interessante perceber a força dos discursos de espaço e tempo para inscrever os sujeitos em contextos geopolíticos. Esse tema tem consequências diretas nos contextos de produção de políticas públicas nesse país e, no caso da Universidade, na produção de espaços e tempos para os estudantes internacionais, reiterando discursos poderosos politicamente sob os rótulos de “internacional” e “estrangeiro”.

Através de uma análise das narrativas do discurso, o quinto capítulo identifica as trajetórias lineares de tempo e espaço em como os estudantes internacionais são percebidos pelas instituições universitárias. Assim, suas definições de origem e destino representam uma noção de partida e chegada, o que mostra que os estudantes internacionais pertencem a geografias específicas. De acordo com a autora, a forma como os estudantes descrevem suas experiências está alinhada com como descrevem seus espaços de origem, relatando suas casas como parte de suas trajetórias. Aqui, se percebem como esses relatos traduzem noções fixas de espaço e tempo, onde localidade e lugar atuam em suas concepções estáticas.

O sexto capítulo traz uma análise do “voltar à casa” baseado em narrativas de investigadoras que realizaram seus doutoramentos em outro país que não o Chile e

³ O uso do conceito em inglês tem sido recorrente na bibliografia produzida em português, desde onde se tem encontrado alguma dificuldade em encontrar tradução propícia.

que retornam ao país para dar continuidade aos seus trabalhos nas universidades de origem. Nesses discursos, prevalece uma noção de tempo como algo passado e incontrolável, a que Matus emprega para provocar novas relações de produção de tempo. A expectativa por um futuro imprevisível oferta possibilidades poderosas em perceber o tempo, pois permite o devir como caminho a permitir o novo, o inesperado.

Além, o sétimo capítulo posiciona as relações de poder implicadas ao ato de escrever, esse também relacionado à lógica global de inserir-se em um circuito produtivo. O escrever é descrito por Matus como mais que um ato político, podendo ser denominado biopolítico, na medida em que estabelece uma posição de poder que emprega o corpo no processo. Em outras palavras, se vive as relações de poder no corpo: a força, o medo, a euforia.

As universidades estão entendidas como elementos centrais na manutenção dos discursos de globalização, atuando não apenas como instituições de produção de conhecimento, mas como instituições de mercado. Essa linguagem e organização a faz produzir políticas e práticas de internacionalização que essencializam noções de sujeito enquanto promovem ideias de espaço e tempo dominantes. Isso se pode perceber nas entrevistas que narram as experiências dos sujeitos em suas universidades de destino e as mudanças advindas da necessidade de produção de novas práticas e novos discursos frente às realidades ao mesmo tempo em que reproduzem algumas dessas noções produzidas por discursos normativos.

A autora produz uma leitura crítica do processo de internacionalização, questionando os parâmetros produtivistas envolvidos em gerar conhecimento. Denuncia, assim, o disciplinamento da atividade acadêmica: competitiva, dual e focada em resultados – neutralizando e despolitizando aspectos de gênero, classe, etnia na produção de conhecimento.

O livro é escrito em uma linguagem direta, mas sem circunscrever conceitos. Os mesmos se constituem ao longo dos capítulos – narrados sempre em primeira pessoa. É leitura importante para pesquisadores que dialogam com os campos de educação, geografia e estudos de gênero, mas também àqueles de quaisquer outras áreas que visam aprofundar conceitos de espaço, tempo, nação ou conhecimento. Constitui também um olhar crítico e político sobre os contundentes processos de internacionalização e padronização da educação superior.

Em ler, sinto-me afetado de mil modos frente ao reconhecimento do que é ser um estudante doutoral em outro país, emergindo alguns discursos que me são tocantes por parte de práticas cotidianas e institucionalizadas. Ressalto um ponto importante quanto à fala de uma estudante doutoral colombiana entrevistada por Matus, quando relata sentir-se uma estudante de Graduação em sua relação com professores universitários nos Estados Unidos. A mesma frustrou-se em não corresponder à expectativa de ser reconhecida como uma profissional, pesquisadora em formação, mas como alguém que recebe uma oportunidade, uma chance.

Isso revela uma questão importante nas práticas de internacionalização (ou de qualquer outra política de produção de diferença): qual o espaço que aos estranhos é

dados para que produzam conhecimento desde diferentes posições? A prática de internacionalização que não reconhece que a diversidade de sujeitos oferece frentes novas de produção de saberes se limita a reproduzir uma diversidade representada unicamente pelo exotismo. Da mesma forma podemos pensar nos novos sujeitos que ocupam as universidades brasileiras, vindos de classes sociais e grupos étnicos que não ocupavam historicamente os espaços da universidade e que, uma vez aí estando, podem oferecer urgentes olhares sobre o como produzimos conhecimento.

Data de submissão: 14/06/2016.

Data de aceite: 22/12/2016.